

Conte algo que não sei

'Time que bate o 1º pênalti ganha 60% dos jogos'

Steven Brams, cientista político

No Rio para evento na EPGE/FGV, professor na Universidade de NY é expert em Teoria dos Jogos, autor do livro "Vencer ou vencer" e idealizador do Voto de Aprovação

ADRIANA LORETE

"Sou americano. Tenho 74 anos. No verão, jogo tênis, e, no inverno, squash, o que mostra que sou um acadêmico bem ativo. Moro em Nova York, que eu nunca deixaria, por amar a cidade e amar minha mulher, que é uma ex-bailarina europeia, ou seja, não poderia se satisfazer com qualquer outra cidade americana"

ENTREVISTA A:

ALEXANDRE RODRIGUES
alexandre.rodrigues@oglobo.com.br



● Conte algo que não sei.

Hoje é possível resolver on-line uma disputa com a sua mulher usando a Teoria dos Jogos. É tudo mais simples do que a ideia matemática que se tem dessa disciplina. Eu mesmo uso Teoria dos Jogos com minha mulher. É claro que tenho algum treinamento no assunto e não preciso usar as formulações teóricas...

● Como explicar Teoria dos Jogos para leigos?

Ela estuda conflito entre "jogadores", entendidos como participantes, de uma disputa. Existem várias analogias, mas eu usaria a da torta. Como dividir uma torta de forma que todos achem que tiveram a parte justa? É uma questão de tamanho? De partes iguais? Ou de pensar que há os que preferem comer só os morangos, os maníacos por creme e os apaixonados por farelos?

● Muita gente acha que está relacionada com esportes.

É um nome infeliz, pois faz pensar logo em diversões quando é assunto sério (risos). Mas, já que você tocou no assunto, posso dizer que escrevi um artigo mostrando que a teoria pode ser usada em futebol, na disputa de pênaltis. A estatística mostra que o time que bate primeiro ganha 60% dos jogos. É uma vantagem de 3 para 2! O justo, nesse caso, seria aumentar a distância do primeiro chute nessa proporção.

● Em geral, a Teoria dos Jogos é aplicada à economia, ou estudada por matemáticos, embora filósofos defendam que poderia mudar a sociedade e trazer justiça social.

Em minha defesa, não sou matemático, e sim cientista político, e dos raros em minha disciplina a usar a Teoria dos Jogos em Ciências Sociais. Somos todos teóricos dos jogos e estamos sempre a pensar estratégias. O problema é que nem sempre pensamos nas reações que nos-

sa escolha vai provocar. O que a teoria faz é trazer essas intuições e seus resultados para formulações práticas, aplicando-os ou fazendo pensar sobre eles.

● O senhor é partidário também da Teoria da Escolha Social...

Sim, e abrange uma de minhas ideias, com um grupo de pesquisadores: o Voto de Aprovação, sistema em que a pessoa não precisa votar em um candidato só, mas em quantos quiser. Nas eleições presidenciais, se há três candidatos, um de esquerda, um de direita e um de centro, pode-se votar em dois, o que, em caso de discurso radical, pode favorecer o candidato mais moderado e evitar extremismos.

● Quais as outras vantagens?

Encorajar os moderados a disputar, trazer para o processo de escolha a complexidade da visão do eleitor e reduzir, num país como os EUA, onde pouco

mais da metade da população vota, o ceticismo e o cinismo.

● É uma ideia do final dos anos 1970. Por que não vingou?

Vingou em organizações, empresas, institutos, na informática. Nas eleições, acabou sendo superada pelo sistema de rankings, utilizado em Mineápolis, em que o eleitor vota numa ordem de resultados, e os votos do perdedor se somam à segunda opção do votante até que alguém supere 50%. O problema é que ele permite manipulações.

● O Brasil, onde o voto é obrigatório, sofre com a falta de representatividade, o que se viu nas manifestações em 2013.

Seria genial se o Brasil adotasse o Voto de Aprovação. Primeiro porque diminuiria esse sentimento. Segundo, porque dispensaria o segundo turno, que é caro. E, enfim, porque, se fosse aprovada no Brasil, seria aprovada no mundo inteiro!!